

UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS SINALIZADAS – UTCS: FORMAÇÃO DE TERMOS NA LIBRAS

Eduardo Felten

Universidade de Brasília (UnB)

INTRODUÇÃO

Este trabalho compõe análises empreendidas a partir de um exame da constituição do sinal-termo subjacente aos estudos lexicais e terminológicos mais recentes, sob as condições e propriedades da Libras. Ademais, apresentamos os princípios teóricos que fundamentam a constituição morfológica do sinal-termo. Para nortear a leitura e a compreensão deste trabalho, apresentamos, neste momento, a diferença entre termo e sinal-termo. A distinção é a que segue:

- **Termo:** palavra simples, palavra composta, sintagma, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas do conhecimento específico. Também *unidade terminológica*. Ver unidade terminológica complexa (FAULSTICH, 2012).
- **Sinal-termo:** Termo criado na Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. Ver sinal. Ver termo (FAULSTICH, 2012).

Essa distinção entre termo e sinal-termo está no nível da modalidade da língua em que o *termo*, no Português, e *sinal-termo*, na Libras, referem-se à *palavra* e ao *sinal* respectivamente, como elemento ou unidade linguística significativa que designa os conceitos de áreas do conhecimento específico. Com efeito, o desenvolvimento da Libras e das pesquisas semânticas, associadas aos progressos no campo da teoria e da análise linguística – especificamente do léxico e da terminologia –, levaram estudiosos da área da Surdez a se preocupar cada vez mais com a crítica aos sinais do léxico comum que são ausentes ou não correspondem à concepção de estrutura morfológica subjacente e semântica adequada a determinadas áreas de especialidade.

A CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DE UMA UNIDADE TERMINOLÓGICA SINALIZADA

FELTEN, Eduardo F. UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS SINALIZADAS–UTCS: FORMAÇÃO DE TERMOS NA LIBRAS. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

Nesta perspectiva, a constituição morfológica dos sinais-termo criados para compor o vocabulário do *Glossário Sistêmico Bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil*, resultado da pesquisa de mestrado vinculada ao Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos da Universidade de Brasília (UnB), segue a proposta ‘fonomorfológica’ de Faria-Nascimento (2009) na construção das Unidade Terminológica Sinalizada-UTS, que consiste na análise dos parâmetros isoladamente e combinados. Esse estudo é orientado pelos parâmetros fonológicos da Libras, a saber, Configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), considerados primários. E dos outros dois parâmetros considerados secundários, Orientação da Palma da Mão (OP) e as Expressões Não Manuais (Expressões Faciais e Corporais).

Para a autora, além de considerar a análise mais básica dos parâmetros fonológicos de Libras, é importante reconhecer que um parâmetro, além de possuir um traço distintivo (aquilo que difere; por exemplo, a Unidade Lexical Sinalizada - ULS TRABALHAR de VÍDEO é o Movimento), “traz em si um significado que é acrescido à unidade lexical à qual é adicionada” (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 85). Por possuir o traço distintivo e a informação semântica do parâmetro acrescido à ULS, é que podemos categorizar os parâmetros como ‘fonomorfológicos’ e não apenas fonológicos, pois, a partir do instante em que a mão ativa e mão passiva estão prontas para articular determinada unidade lexical, os articuladores da Libras se mostram previamente motivados.

Falamos até aqui sobre ULS e UTS. É necessário que façamos distinção entre os termos para que possamos apresentar o propósito deste trabalho. Por ser uma investigação que visa, entre outros objetivos, a criação de sinais-termo, há de se considerar o fenômeno que distingue a Unidade Lexical-UL da Unidade Terminológica-UT, ou vice-versa.

Nesse contexto, os pesquisadores que estudam as unidades semânticas de Libras alcançam fecundas explorações no sistema lexical da língua e atingem regras de produção inerentes à criação de novas unidades lexicais. Ao criar um sinal-termo, é necessário que consideremos os mecanismos que podem estabelecer essas unidades léxicas. Todo o processo de formação de novas ULs é compreendido como neologia. Já a palavra ou o sinal-termo formado, isto é, o resultado do processo chamamos de neologismo.

Há de se levar em consideração que a Libras está em fase de desenvolvimento linguístico em sua história. Para Barbosa (1981 apud GUILBERT, 1976 p. 77-78), a eficiência do sistema lexical na neologia leva em consideração “um período preciso da vida da comunidade linguística”, o que corrobora a criação lexical em razão da

pertinência léxica, ligada à história da sociedade falante da língua, no caso desta investigação, a comunidade brasileira falante do Português e da Libras.

A autora assinala ainda que a “neologia postula um sistema, um conjunto de regras que exercem uma coerção sobre a criação, a sinalização, a determinação e o emprego dessas unidades” (GUILBERT, 1976, p. 78 apud BARBOSA, 1981). Assim, podemos inferir que esse processo não se dá de forma desordenada, pelo contrário, o aparecimento ou a criação de novos significantes é governado por regras que sistematizam esse fenômeno.

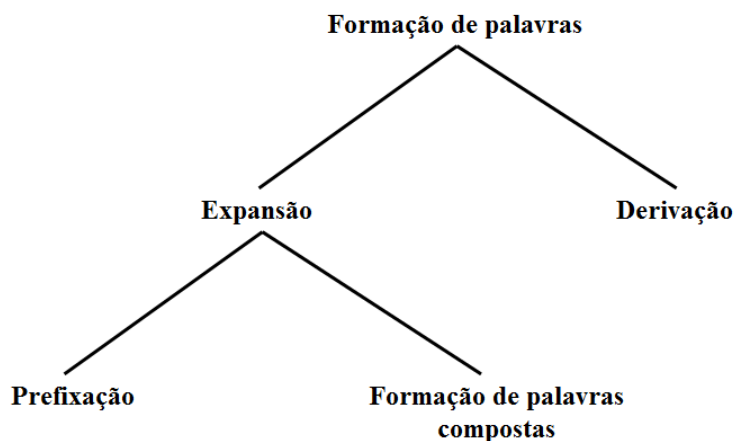
Os estudos de formação de sinais-termo são provenientes de análises comparativas com a Língua Portuguesa. Com base nos estudos morfológicos do Português de Zanotto (1986); Câmara Jr (1970); Fiorin (2005); Payne (1997), entre outros, observamos que a formação de palavras consiste, basicamente, na combinação de morfemas. Pesquisadores como Faria-Nascimento (2009); Bernardino (2012); Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995) têm aberto espaço para investigação desse mesmo fenômeno.

Os pesquisadores acima mencionados auxiliam em algumas questões, ao analisar os dados como a base de formação de sinais-termo, que segue a concepção fonomorfológica a partir de morfemas-base de Faria-Nascimento (2009) e com base nas análises dos processos de derivação e composição da Libras segundo Marchand (1969).

A teoria de formação de palavras de Marchand se dá por dois processos, a saber, o processo de expansão e o processo de derivação. Entende-se por expansão a combinação entre morfemas AB em que ‘A determina B’ e AB pertence à mesma classe gramatical. O autor segue com o exemplo na língua inglesa onde *steamboat* funciona, como substantivo, exatamente igual a *boat* (MARCHAND 1969 apud HAENSCH et al., 1982). O processo de derivação se entende pela combinação AB que seja determinado por um morfema ligado à raiz.

Dessa forma, sobre a formação de palavras na lexicografia, Marchand (1969 apud HAENSCH et al., 1982, p. 236) apresenta sistematicamente a teoria de formação de palavras do seguinte modo:

Figura 1 - Apresentação sistemática da formação de palavras segundo Marchand.



Fonte: Marchand (1969 apud HAENSCH et al., 1982, p. 236).

No âmbito intangível, podemos dizer que o processo de criação de UTS não se distingue do da ULS, conforme aponta Lara (1999 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59). A UTS se forma por impulsos tecnológicos, técnicos, comerciais, científicos, acadêmicos, etc., quando se apresenta a necessidade de delimitar com total precisão os objetos ou os conceitos de uma teoria, um método ou um procedimento, e a ULS se forma “no cerne da comunidade linguística como efeito da divisão social do trabalho e como resultado de interesses históricos da comunidade, pelo que está sempre definido no contexto social” (LARA, 1999 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59).

Nesta perspectiva, a criação de sinais se dá, basicamente, a partir de formativos que podem ser presos ou livres: na primeira posição fica o formativo que tem estatuto morfológico com valor de base realizado pela mão passiva ao qual é agregado outro morfema. Com efeito, o morfema-base é articulado pela mão passiva e o morfema especificador é articulado pela mão ativa (FARIA-NASCIMENTO, 2009, pp. 95 - 96). A seguir, apresentamos o Construto da formação de uma UT segundo Faria-Nascimento (2009):

Unidade Terminológica (UT) = base presa (Bp) + morfema especificador (Mesp).
UT = Bp + Mesp

Assim, conforme as modalidades das línguas e algumas reflexões sobre as mudanças terminológicas diacrônicas na Libras, explicamos os processos morfológicos de formação de sinais e sinais-termo por composição e derivação.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAL-TERMO

Para compor os verbetes do glossário proposto em Libras, a partir dos termos em LP, extraídos das provas do ENEM, de 2009 a 2014, o grupo de pesquisadores do Laboratório de Língua Brasileira de Sinais-UnB (LabLibras) criou 44 UTS. Das 44 UTS, 13 delas apresentam algum morfema-base e 1 chamou muita atenção por ser uma UTCS bem formada (EXPANSÃO MARÍTIMA). Esses 14 sinais-termo foram apresentados para os estudantes que participaram da validação e todos foram validados.

Aplicamos nos 14 sinais-termo a teoria de Marchand (1969) sobre a formação de palavras por derivação e composição. A partir dessa teoria, separamos o corpus em dois níveis: expansão e derivação. No nível da expansão, identificamos o processo de composição. Não identificamos na análise dos dados da pesquisa a formação de sinais-termo a partir do processo de prefixação. Além disso, no processo de derivação, utilizamos a teoria de Faria-Nascimento (2009) de morfema-base. Identificamos que todos os sinais-termo derivados possuem morfema-base.

Os 14 sinais-termo criados e validados são: AMÉRICA PORTUGUESA, BRASIL IMPERIAL, BRASIL REPÚBLICA, EXPANSÃO MARÍTIMA, COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO, COLÔNIA DE POVOAMENTO, CONQUISTA, OCUPAÇÃO, COLÔNIA, PRIMEIRO REINADO, PERÍODO REGÊNCIAL, SEGUNDO REINADO, NACIONALISMO e ABDICAÇÃO. Todos foram submetidos às teorias selecionadas, a saber, a de Marchand (1969) e a de Faria-Nascimento (2009).

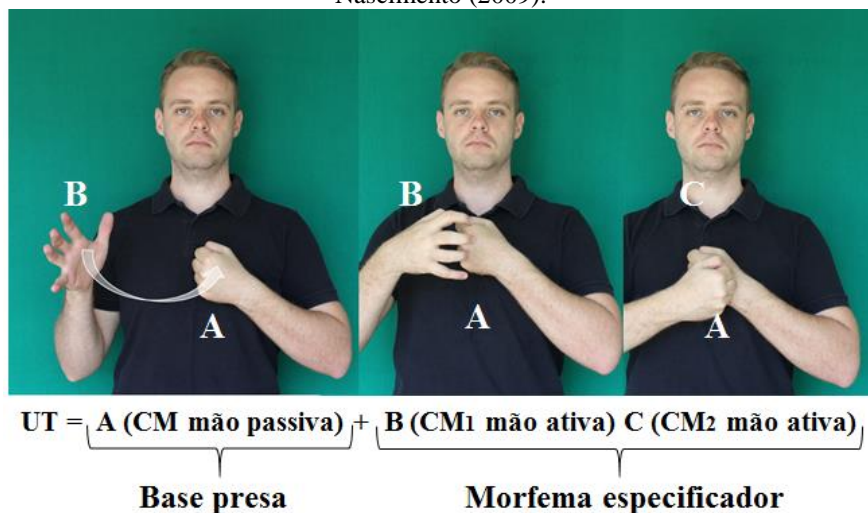
A partir dos dados, podemos criar um roteiro sobre as etapas de criação de um sinal-termo. Esse processo se compõe de 4 etapas, a saber:

1. Na primeira etapa, apresentamos o termo em Português, que pertence a determinada área científica, técnica e tecnológica, à comissão de terminógrafos surdos e não-surdos.
2. Na segunda etapa, explicamos a definição do termo do Português em Língua de Sinais Brasileira - LSB à comissão de terminógrafos surdos e não-surdos.
3. Na terceira etapa, discutimos e analisamos as possibilidades da criação de um sinal-termo, considerando os elementos linguísticos da LSB.
4. Por fim, fazemos o registro videográfico do sinal-termo recém-criado para a fase da validação.

Após as etapas cumpridas, ao analisarmos os conceitos dos termos AMÉRICA PORTUGUESA, BRASIL IMPERIAL e BRASIL REPÚBLICA no LabLibras e no FELTEN, Eduardo F. **UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS SINALIZADAS-UTCS: FORMAÇÃO DE TERMOS NA LIBRAS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos-UnB (Centro Lexterm), verificamos que um morfema especificador será articulado no conceito de AMÉRICA e BRASIL a um morfema-base com a CM em ‘Y’ correspondente às propriedades conceituais inerentes ao termo no português. Assim, há a aplicação do Construto de Faria-Nascimento (2009) para a UT a) AMÉRICA PORTUGUESA conforme apresenta a Figura 2:

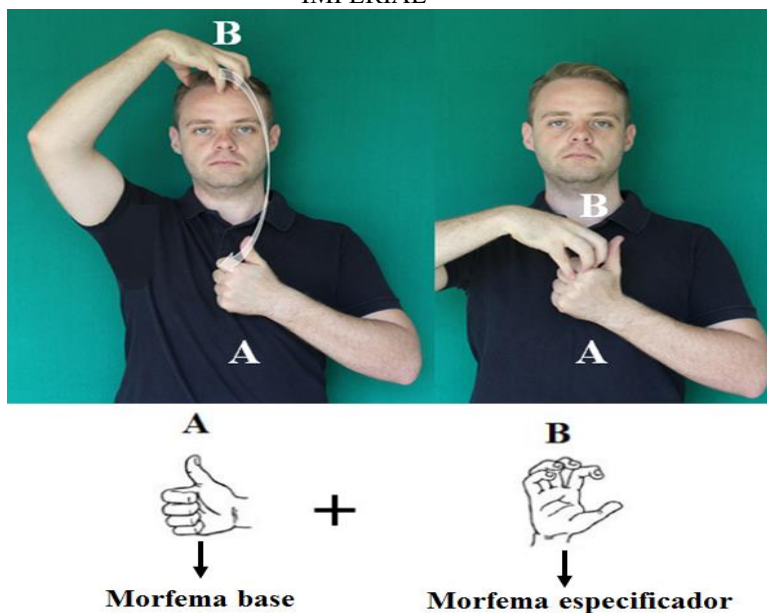
Figura 2 - ULS/Sinal-termo de “AMÉRICA PORTUGUESA” e aplicação do Construto de Faria-Nascimento (2009).



Fonte: Felten (2016, p. 100)

Em Libras, conforme os dados das análises investigativas, a considerar o valor semântico dos termos b) BRASIL IMPERIAL e c) BRASIL REPÚBLICA no Português, os sinais-termo correspondentes levam em consideração o morfema-base A, que tem propriedades-conceituais inerentes ao termo no português agregado ao morfema especificador, conforme a aplicação do construto na Figura 3:

Figura 3 - Combinação entre as CMs dos morfemas AB na ULS/Sinal-termo de “BRASIL IMPERIAL”

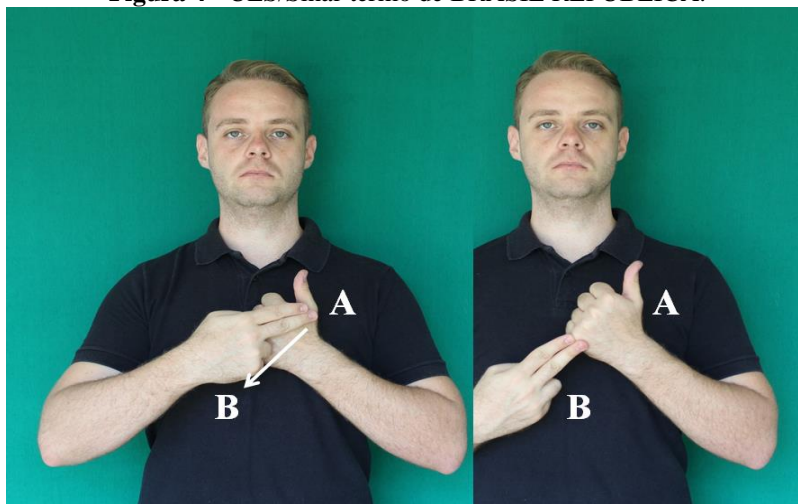


Fonte: Felten (2016, p. 101)

O componente A que carrega o conteúdo semântico de Brasil, em Libras, pertence à categoria gramatical dos substantivos, bem como o componente B, Império. O sinal-termo apresentado na Figura 3 pertence à mesma categorial gramatical.

Nos dados desta investigação, foram apresentados alguns sinais-termo que se configuram como Unidade Terminológica Simples (UTS), embora o termo correspondente no Português seja considerado uma UTC, como é o caso de BRASIL REPÚBLICA. Neste exemplo, temos o morfema-base que corresponde ao conteúdo semântico de Brasil e o morfema-especificador que corresponde à República, isto é, representado pela faixa presidencial, sob o governo representativo de um presidente. Vejamos o exemplo na Figura 4 a seguir:

Figura 4 - ULS/Sinal-termo de BRASIL REPÚBLICA.



Fonte: Felten (2016, p. 102)

A construção acima apresentada segue as regras da formação de sinais, conforme os elementos linguísticos de Libras. O componente A e B são fonomorfemas aplicados à proposta da terminografia. Essa formação se configura em UTCs que são entendidas como construções léxicas com mais de um morfema lexical que formam uma única unidade lexical.

Podemos verificar que os sinais-termo acima apresentados possuem um mesmo morfema-base, pois, é possível agregar conteúdo semântico. O que os especifica é o morfema especificador que será combinado à mão ativa formada de CM, OP, PA e os demais parâmetros Mov., EF e EC.

UNIDADE TERMINOLÓGICA COMPLEXA SINALIZADA - UTCS

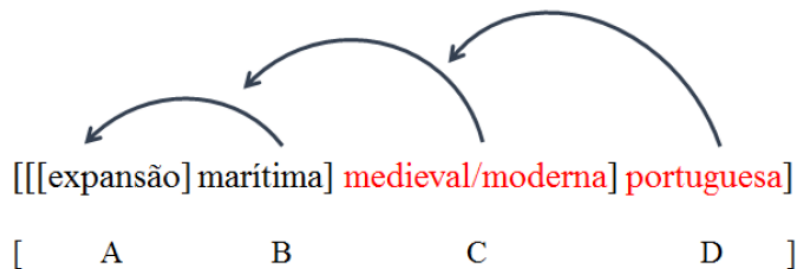
Até aqui vimos as relações teóricas aplicadas na construção de uma UTS. Todavia, de acordo com os dados apresentados como resultado dos processos de criação de sinais-termo, obtivemos algumas UTCS e observamos que o morfema especificador ou mão passiva desempenha o papel de predicador do morfema-base articulado pela mão passiva.

A construção de uma Unidade Terminológica Complexa - UTC, com base na Língua Portuguesa, é um contínuo que, segundo Faulstich (2013), vai de base +geral ao +específico, isto é, uma base genérica que recebe um significado mais específico. A definição da UTC ocorre até a exaustão semântica. Além disso, “no contínuo de uma UTC, os argumentos são reoperados do significado de cada conjunto sintagmático antecedente, com função de especificar, de tal forma que, no intervalo que vai do +geral ao +específico processa-se o novo conceito” (FAULSTICH, 2003, p. 15).

FELTEN, Eduardo F. **UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS SINALIZADAS-UTCS: FORMAÇÃO DE TERMOS NA LIBRAS.** In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

Todas as considerações acerca da formação de UTs estão fundamentadas em estudos de UTCs no Português. Por se tratar de um estudo terminológico de alguns termos da História do Brasil, apresentamos, por sua vez, a organização formativa no seguinte construto adaptado de Faulstich (2003, p. 14) na Figura 5 a seguir:

Figura 5 – Formação da UTC segundo Faulstich 2003.



Fonte: FELTEN, 2016, p. 106.

Neste construto, observamos que há uma base mais genérica representada por A, predicada por BCD. No caso, os especificadores CD são palavras possíveis que não aparecem no texto usual, por isso estão marcados em vermelho, no entanto, dão valor semântico para a UTC formada na área de especialidade, uma vez que as expansões marítimas ocorridas na Europa, conforme o conhecimento histórico, ocorreram em um determinado período (C) e foram empreendidas por portugueses (D) ou espanhóis.

Faulstich (2003, *passim*) explica ainda que os termos ausentes na UTC, ou “casa vazia”, como a autora determina, são marcados por um zero (Ø). Esse zero indica que naquele lugar na UTC existe um formativo *in absêntia*. Na Figura 37, os especificadores marcados C e D indicam que ali é o local de um formativo apagado, assim, exemplificamos a seguinte marcação: ‘expansão marítima-ØØ’.

Assim, a partir da aplicação do constructo apresentado acima, acreditamos ser possível comprovar as regras postuladas por Faulstich, no sentido de descrever a formação das UTCs sinalizada nos sinais-termo, além de oferecer aos usuários da Libras conhecimento linguístico substancial e elementar.

A partir dos estudos apresentados sobre as UTCS, foi possível criar um novo postulado. De acordo com os dados encontrados nesta pesquisa, postulamos, pois, que a mão ativa ou morfema especificador será sempre o argumento que predica a mão dominante ou morfema preso, visto que a base depende de argumentos na criação de sinais-termo em Libras. Para mais, ao analisarmos as UTCS, partimos do pressuposto de que em Libras se predica por unidades fonomorfológicas que vão compor a UTC.

As análises direcionais em Libras estão relacionadas aos estudos do Movimento (M) como parâmetro, conforme as observações de Ferreira - Brito (1990), ao mostrar que o M pode estar nas mãos, punhos e antebraço, além de categorizar os movimentos direcionais em unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. Klima e Bellugi (1979 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 54) falam sobre a direcionalidade como um elemento de uma vasta rede de formas e direções no parâmetro complexo do Movimento e pontuam os movimentos direcionais no espaço. No Quadro a seguir, mostramos a direcionalidade dentro das categorias do parâmetro movimento em Libras, segundo Ferreira-Brito (1995 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 56):

Quadro 1- Categorias do parâmetro Movimento na Libras.

<p>TIPO <i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semi-circular, sinuoso, angular, pontual; <i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado; <i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar; <i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento; <i>dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo; <i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/ gradativo);</p>
<p>DIRECIONALIDADE Direcional - <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial; - <i>Bidirecional:</i> para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda; Não-direcional.</p>
<p>MANEIRA Qualidade, tensão e velocidade - contínuo; - de retenção; - refreado;</p>
<p>FREQUÊNCIA Repetição - simples; - repetido;</p>

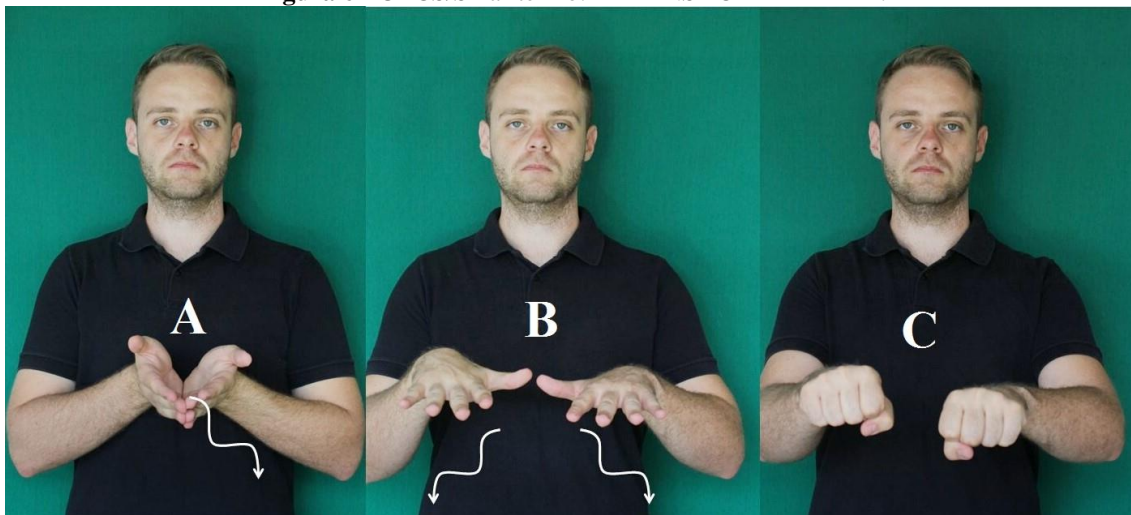
Fonte: Quadros e Karnopp (apud Ferreira-Brito, 2004; p. 56a)

Dispondo do movimento direcional subdividido em categorias unidirecionais e bidirecionais apresentadas pelas autoras Ferreira-Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004), constatamos que o morfema especificador é produzido pela mão ativa ou

produzida pela mão passiva. Assim, a proposta do postulado de Felten (2016) é que a predicação em Libras ocorre pelo acréscimo de fonomorfemas que respeitam a ordem sequencial na produção da ULS.

Para justificar, buscamos nos dados as UTCS para as análises de ordem predicativa. Segue o exemplo na Figura 6.

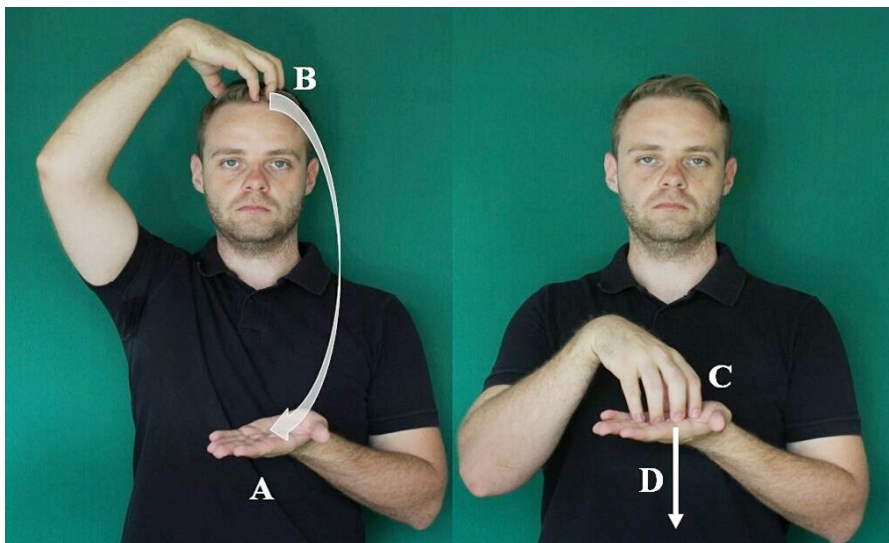
Figura 6 - UTCS/Sinal-termo: EXPANSÃO MARÍTIMA.



Fonte: FELTEN, 2016, p. 108

No exemplo acima, temos uma UTCS formada por três outras ULS: EMBARCAÇÃO (A), MOVIMENTO DO MAR classificador (B) e CONQUISTA (C). As viagens marítimas eram realizadas por embarcações como caravelas, naus e galeões para conquista de outros territórios ou obtenção de mercadorias como as especiarias. A UL autônoma “C” da UTCS em questão, apresenta uma visão prototípica no consciente dos falantes da língua, pois as Expansões Marítimas do século XV e XVI, por uma questão conceitual, fora o período da descoberta das Américas e das conquistas europeias. Assim, a base A possui valor +geral, opera um significado mais abrangente em Libras e sustenta um predicado BC mais abrangente.

Figura 7 - UTCS/Sinal-termo: ABDICAÇÃO.



Fonte: FELTEN, 2016, p. 11

No exemplo acima (Figura 7), temos uma UTCS formada por três outras ULS: COROA (B) e ENTREGA coroa (D). A Abdicação é entendida como a renúncia do governo imperial por D. Pedro I. Nesta UTCS aferimos que há uma composição dos elementos A e B para formar o C. À vista disso, a UTCS possui uma composição conceitual em que a base A possui valor +geral (genérico) do conceito; B significa A no sentido de tirar a Coroa; C reopera no conceito de AB de tal forma que constitui um significado apenas de Coroa tirada; D reopera no conceito de BC e fecha o conceito complexo. A direção “para frente” de D é que completa o conceito de renúncia, já que o ato de retirar a coroa não encerra o conceito, por isso, o elemento direcional é fundamental para a sequência de combinações na formação de UTCS.

Figura 8 - UTCS/Sinal-termo: NACIONALISMO.



Fonte: FELTEN, 2016, 111.

Na Figura acima (Figura 8), temos uma UTCS formada por quatro outras ULS: TERRITÓRIO (A), CONSCIÊNCIA (B), BANDEIRA (C) e EMPONDERAMENTO/ATITUDE (D). O nacionalismo é entendido como uma corrente de pensamento e um sistema de atitudes e representações que exaltam os valores nacionais, à qual se pertence de maneira prioritária, em função de se seu território. À vista disso, a UTCS possui uma sequência conceitual em que a base A possui valor +geral do conceito; B reopera no conceito de A; C reopera no conceito de AB; D reopera no conceito de CD e fecha o conceito complexo.

O exemplo acima explorado, embora o termo no Português não seja uma UTC, em Libras tem o conceito funcionando de maneira sequencial, reoperando os demais conforme apresentado, compondo um formativo complexo. Assim sendo, é notável que uma UTS em Português pode não o ser em Libras ou o inverso.

CONSIDERAÇÕES ÀS REFLEXÕES PRELIMINARES

Observamos que, assim como nas UTCs em Português, conforme apresentamos nos exemplos explorados, verificamos aspectos predicativos na construção de terminologias complexas sinalizadas. O primeiro deles é que, em Libras, a predicação se dá pela agregação de uma unidade fonomorfológicas ao morfema base, uma vez que é composta de morfema-base e morfemas.

O segundo aspecto observado é relacionado à ordem e ao posicionamento das UTCS, porque a importância dessa relação indica para a posição para a qual a mão dominante ou o morfema especificador será conduzido. Com efeito, identificamos três posições diferentes que chamamos de: i) posição convencional, ii) posição real e iii) posição direcional. A primeira posição segue as regras da língua, isto é, obedece ao PA de determinado UTCS, por isso chamado de convencional. A segunda posição obedece à localização real no espaço físico, isto é, quando a UTCS é produzida, ao fazer referência à direção de determinado espaço físico. A terceira posição obedece à direção determinada pelo valor semântico da UTCS, ou seja, o conteúdo conceitual que dá forma a UTCS, como constatado na Figura 6, em que a direção determinada pela definição que conduz o movimento para frente EXPANSÃO MARÍTIMA mantém um conceito funcional e sua utilidade discursiva, sendo impossibilitada a direção contrária.

O modelo teórico que apresentamos neste trabalho postula que, na formação de uma UTCS, sua forma e o conteúdo conceitual estão enquadrados no funcionamento da

gramática de Libras. Além disso, o estudo comparativo motivado pelo construto de Faulstich (2003, *passim*) nos mostrou que há regras na formação de UTCS no que tange aos traços conceituais essenciais para determinar traços importantes como a posição em que as unidades predicativas sinalizadas serão designadas.

Esse assunto, objeto deste trabalho, não está concluído, contudo, funciona, em princípio, para mostrar que a formação UTCS possui regras intrincadas e que há muito a ser investigado a respeito da terminologia em Libras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELTEN, Eduardo F. **Glossário Sistemico Bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil**. Dissertação (Mestrado – Mestrado em Linguística) PPGL: Universidade de Brasília, 2016.

FAULSTICH, E. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FALSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira. (Orgs.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicografia: cooperação internacional: Brasil e Canadá**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-32.

_____. **Glossário sistemico de léxico terminológico para pesquisadores surdos**. Brasília, Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

_____. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; MEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2013.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GRUPO DE TRABALHO DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGUÍSTICA (ANPOLL), **ATAS...**, 2013a. Disponível em: <<http://www.centrolexterm.com.br/#!artigos2014/cdbb>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

_____. **Glossário sistemico de léxico terminológico para pesquisadores surdos**. Brasília, Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

Avaliações do ENEM: Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: outubro de 2016.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso (1970). **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FELTEN, Eduardo F. **UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS SINALIZADAS-UTCS: FORMAÇÃO DE TERMOS NA LIBRAS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 2009.

_____. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; MEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2013.

FERREIRA-BRITO, Lucinda et al. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Depto. Linguística e Filologia, 1995.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. V. I. Objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

HAENSCH, Günther; [et. al.]. **La Lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Editada Gredos: Madrid, España, 1982.

MARCHAND, H. **The Categories and tuypes os Present-Day English Word-Formation**. A Synchronic Diachronic Aproach, 2^a ed., Munich, 1969.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax**: a guide for field linguists. New York: Cambridge University Press, 1997.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZANOTTO, Normelio (1986). **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. São José-SC: LUCERNA, 2006.

FELTEN, Eduardo F. **UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS SINALIZADAS–UTCS: FORMAÇÃO DE TERMOS NA LIBRAS**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.